



## FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS NA EUROPA

Maira Abreu<sup>1</sup>

A efervescência feminista européia dos anos 1970 influenciou a formação de diversos coletivos feministas formados por mulheres de diferentes países latino-americanos na Europa, particularmente na França. Esses grupos – que tiveram dimensão e alcance bastante diversos – compartilharam, em maior ou menor medida, idéias feministas em voga naquele contexto tais como politização da vida cotidiana, autonomia, novas formas de organização, etc. O Grupo Latino-Americano de Mulheres (1972-1976), que publicou o boletim *Nosotras* e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (1976-1979) são dois desses grupos que se tornaram mais conhecidos no Brasil. Entretanto, não foram os únicos. Nesta comunicação pretendemos mapear a existência de outros grupos feministas com esse caráter, particularmente na França, e analisar com mais detalhes o Grupo Latino-Americano de Mulheres (1972-1976) buscando mostrar como a defesa da especificidade da condição de mulheres latino-americanas é uma idéia recorrente para os grupos que se formaram nesse contexto.

Na França o movimento de mulheres e outros movimentos sociais pós-68, dotados de um forte espírito internacionalista, ofereceram um quadro particularmente favorável à formação de coletivos autônomos de mulheres estrangeiras, imigrantes e exiladas<sup>2</sup>, entre os quais podemos citar: Associação de Mulheres Marroquinas (1972-1978), o Grupo de Mulheres Marroquinas (1979-1982), o Coletivo de Mulheres Chilenas Exiladas (COFECH), fundado em 1979. O Grupo Latino-Americano de Mulheres foi o primeiro grupo de estrangeiras/exiladas/imigrantes formado na França a se reivindicar feminista. O grupo realiza suas primeiras reuniões no ano de 1972, dois anos depois das primeiras atividades do MLF. Danda Prado, de quem partiu a idéia de construir o grupo, comenta sobre o clima que ela encontrou na França:

“Eu fiquei muito espantada quando cheguei em Paris, porque eu, até então, só tinha participado de grupos políticos, nunca tinha atuado em grupos de mulheres. No Brasil, não existiam grupos de mulheres. E quando eu cheguei na França, em 1970, em todo canto eu via uns cartazes estranhos, às vezes escritos à mão dizendo REUNIÃO DE MULHERES. Como não consegui descobrir o endereço dos encontros, acabei pedindo informações para Simone de Beauvoir (que eu conheci durante visita dela ao Brasil). Ela me disse que achava a minha visão de mundo muito esquerdizante e radical e que eu não ia me entender bem com as francesas. Então

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [mairabreu@yahoo.com](mailto:mairabreu@yahoo.com).

<sup>2</sup> LESSELIER, Claudie. Femmes, exiles et politiques em France depuis 1970. In: Sextant, 26, Femmes exilées politiques, 2009, p. 41.



ela sugeriu arranjar uma moça que já tinha estado em Cuba, e que provavelmente teria um contato que se adequaria melhor às minhas idéias”<sup>3</sup>

O feminismo francês abria um universo novo de experiências e conceitos, que a levou a uma revisão de seu próprio universo de referências. Sobre o contato com as militantes francesas e a idéia de reunir mulheres da comunidade exilada brasileira, Danda comenta:

“Na volta, fiquei, em 1971, muito impressionada com o nível de análise delas e eu não conseguia conversar isso com as brasileiras, que era o meu mundo. Eu queria que nós nos reuníssemos para poder colocar isso (as coisas que eu aprendia) e ouvir o que elas pensavam, para então discutirmos.”<sup>4</sup>

Apesar do reconhecimento do papel do MLF enquanto movimento que originou e inseminou uma vasta constelação conceitual e experiencial no terreno do feminismo, a relação do grupo com este não se configurou como uma assimilação acrítica e descontextualizada, desde logo se impondo o tema da “especificidade”. No primeiro boletim, as militantes rememoram as dúvidas e os questionamentos iniciais:

“Todo se pasó como si fuéramos una pelota de nieve: dos o tres latino-americanas escribiendo sus tesis de doctorado sobre la mujer. Deparamonos por la primera vez con las preguntas “porque piensan esto las femenistas francesas? que lo que quiere decir el femenismo? El femenismo es un movimiento que tendria sentido solamente en un pais industrializado? Que hay de común o de distinto entre la mujer mexicana, venezolana, argentina, brasileña, francesa?”<sup>5</sup>

Como lembra Naty Guadilla, o grupo surgiu justamente com o intuito de analisar essa especificidade:

“Atraídas por estos movimientos nuevos [MLF], las mujeres latinoamericanas se implicaban y participaban en los grupos de conciencia o en las grandes asambleas del movimiento de mujeres francés. Después nació la necesidad de analizar la especificidad de la situación de las mujeres latinoamericanas y se constituyó el Grupo Latinoamericano de Mujeres con el objetivo de **comparar y buscar las diferencias entre las mujeres de diferentes países del mundo**”<sup>6</sup>

As reuniões de grupos de autoconsciência ou reflexão eram um elemento fundamental na pauta feminista desse período e constituiu uma importante atividade no Grupo Latino-americano. Mariza Figueiredo comenta sobre essa atividade:

“Você escolhia um tema para aquele dia, você tinha mulheres de quinze anos até mulheres de setenta. Um exemplo, no nosso grupo às vezes você tinham moças de 18-20 anos como você tinha senhoras já de cinquenta e poucos que era o caso da Lucia Tosi que acho que era a mais velha do grupo, ou Norma Benguell, que era uma pessoa bem liberal e tal existencialmente falando. E no entanto quando você ia falar de sexualidade, como é que os pais tinham tratado a questão da menstruação, a informação para os filhos na educação dos filhos, como é que você tinha tido o primeiro relacionamento, fosse dentro do casamento fosse fora. Tudo isso você via toda a transmissão de tabus que era feito em qualquer classe porque tinham diversas classes dentro do grupo. Tinha diferentes classes de idade, tinha diferentes classes culturais em termos de formação universitária ou não, tinha diferentes faixas etárias e bem diferentes, de 20 anos a 60. Então você via que no fundo no fundo

<sup>3</sup> CARDOSO, Elisabeth. *Imprensa feminista brasileira pós-64*. Dissertação de mestrado – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2004, p. 75.

<sup>4</sup> CARDOSO, Elisabeth. *Imprensa feminista brasileira pós-64...* Op. Cit.

<sup>5</sup> “Editorial”. *Nosotras*, n.1, janeiro de 1974.

<sup>6</sup> GUADILLA, N. “Historiando...”. *Herejias*, março de 1980 p. 11. Grifos meus.



tudo era sempre uma mesma e única coisa. Isso no movimento feminista francês então era gritante. Porque a diversidade era muito maior, a quantidade de gente era muito maior. Então você tinha uma visão assim chocante sobre como os tabus eram absolutamente idênticos, como a relação mãe-filha passava por mil tabus também, como a relação homem-mulher continuava eivada de super tabus, tanto da parte da mulher como da parte do homem. Então a questão da sexualidade sempre foi um assunto farol. O triplo trabalho da mulher”<sup>7</sup>

Na descrição de Mariza Figueiredo, destaca-se a idéia de que os grupos de autoconsciência promoveriam a percepção de uma experiência comum compartilhada pelas mulheres. Independente das particularidades, para além das divisões de classe, diferenças culturais, etárias etc., “no fundo no fundo tudo era sempre uma mesma e única coisa”.

Os grupos de autoconsciência eram pautados pela discussão de experiências pessoais e cotidianas. Tratava-se de mergulhar nas experiências individuais, não para dissolver o pensamento nesse imediatismo, mas para chegar ao mais abstrato, “nossa opressão como mulheres”, através do mais concreto, permitindo assim às mulheres fazer o caminho inverso: submeter o mais concreto, suas próprias experiências, a um processo de *re*-conhecimento.

Assim, o *pressuposto* dos grupos de autoconsciência era um “algo comum” que permitiria gerar uma identidade. A idéia de um “nós”, de uma realidade que aproximaria todas as mulheres, percorria também as páginas do boletim e já estava presente no título da publicação. Não se tratava somente de uma realidade que emergiria pela mediação do pensamento conceitual. Havia o sentimento de uma identidade experiencial pelo qual as mulheres saíam de seu isolamento e se reconheceriam como solidárias nesse “nós”. Uma leitora do boletim comentou esse efeito na descoberta de que “a profunda verdade do que tentamos exprimir nos iguala a todas”<sup>8</sup>.

Mas cabe ressaltar que a defesa de uma universalidade da opressão feminina não as conduziu à idéia de uma uniformidade absoluta da categoria “mulheres”. O patriarcado, embora universal, manifestar-se-ia de forma particular dependendo do contexto social, cultural e econômico. A especificidade mais enfatizada, como já observado, era a de mulheres latino-americanas. Assim, o “nós” do qual falava o grupo era um “nós mulheres”, mas tratava-se principalmente de um “nós mulheres latino-americanas”. A própria existência do grupo era justificada pela especificidade da condição destas:

“a realidade de cada país, marca profundamente as táticas de uma luta política. E o feminismo é político. Algumas tradições profundas de nossos povos, como a religião católica e o “machismo”, dão um caráter específico às reivindicações que só poderão ser formuladas, teórica e concretamente pelas feministas de cada país latino-americano”<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Entrevista - Mariza Figueiredo.

<sup>8</sup> Experiência relatada por uma leitora de Córdoba, Argentina, publicada no boletim número 7. Dora “E agora, o que fazer?”. *Nosotras*, n.7, julho de 1974.

<sup>9</sup> Danda e Mariza. “Feminismo”. *Nosotras*, n.5, maio de 1974.



A partir de 1974, o grupo publica o boletim *Nosotras*. Este era um boletim bilíngue (português e espanhol) e foi publicado entre janeiro de 1974 e o segundo trimestre de 1976, totalizando 17 exemplares. Embora fosse editado em Paris, não pretendia atingir o público francês. Também não parece ser uma prioridade atingir mulheres latino-americanas radicadas na França. O propósito era atingir mulheres da América Latina, divulgar idéias, fomentar debates e formação de grupos etc.

Num primeiro momento, o boletim parece ter tido um caráter mais orgânico ao grupo, embora não sugerisse ser sua representação. Nos números iniciais, podemos observar que há textos de socialização das discussões realizadas no grupo. Acompanhando os temas das reuniões mensais, podemos notar que há uma relação entre estes e os temas abordados no boletim.

É preciso lembrar que, nos primeiros anos da década de 1970, poucos eram os grupos feministas existentes na América Latina. Quando o boletim começou a ser publicado, em janeiro de 1974, esse quadro não havia se alterado substancialmente. Por isso, o boletim propunha-se, em certo sentido, a suscitar discussões e reuniões entre mulheres nessas regiões. Um relato de uma leitora do boletim parece ser uma resposta bastante significativa a essa proposta:

“E AGORA, O QUE FAZER?

Você leu NOSOTRAS. Diversos números, até.

Já tinha pensado em alguns desses assuntos.

Mas pensado SOZINHA

Experimente conversar com uma amiga hoje, outra amanhã, lendo juntas os artigos.

Ficará espantada muitas vezes. Porque a mais entusiasmada, a que compreenderá mais profundamente, raras vezes será a de APARÊNCIA mais ‘liberada’ ou ‘moderninha’.

E agora sim, você compreenderá porque as feministas no mundo todo estão se sentindo menos sozinhas e isoladas.

Porque a profunda verdade do que tentamos exprimir nos iguala a todas

(essa experiência nos foi contada por uma leitora de Córdoba: Dora)”<sup>10</sup>

Nas cartas publicadas também encontramos outras manifestações deste gênero. O contato com idéias feministas e com um grupo já constituído é um estímulo e exemplo para outras mulheres. Maria Isabel Barreno de Portugal comenta:

“O vosso boletim (NOSOTRAS) ajuda: é indispensável o contato com nossas irmãs de terras estrangeiras – relativiza os problemas – afinal – tôdas os temos, de Conchinchina à América ... e dá coragem!!!”<sup>11</sup>

O período de publicação do boletim coincidiu com o surgimento de diversos grupo feministas em diferentes países da América Latina, incluindo o Brasil, que, a partir de 1975, viu a formação dos primeiros grupos feministas de caráter público. Isso parece ter sido um dos fatores que influenciaram alterações na proposta inicial do boletim. Percebe-se que, aos poucos, o periódico

<sup>10</sup> *Nosotras*, n.7, julho de 1974.

<sup>11</sup> *Nosotras*, n.12, dezembro de 1974.



procurou se consolidar não como órgão de socialização de discussões ou divulgação de opiniões, como sugerido no primeiro boletim, mas como um meio de divulgação e um catalisador para o movimento feminista que surgia na América Latina. A partir do número 8/9/10, o boletim se propôs, explicitamente, a ser não apenas um veículo de manifestação de idéias feministas, mas também um *elo* que pudesse ligar os diferentes movimentos que começavam a surgir na região. *Nosotras* pretendia tornar-ser uma “tribuna de um movimento feminista essencialmente latino-americano”:

“Existen, ya, grupos feministas en America Latina y algunos de ellos poseen sus propios órganos de información. Pero ellos operan dentro de un ámbito nacional. En tanto que nosotras, cuando creamos el Grupo Latinoamericano de mujeres en Paris teníamos como mira la formación de un movimiento feminista que abarcase a toda América Latina”<sup>12</sup>

Para além de ser um elo que possibilitasse o contato entre diferentes grupos que surgiam na região, *Nosotras* se propôs também a ser um “agente motivador de lutas reivindicatorias sugiriendo temas de debate y proponiendo formas de acción”<sup>13</sup>

O boletim conseguiu, de alguma forma, êxito na sua proposta. Diversos foram os grupos que se comunicaram com o *Nosotras* e muitos deles foram divulgados por esse veículo. O primeiro grupo latino-americano a figurar nas páginas da publicação foi o que se reunia em torno da revista *La avispa*, revista venezuelana editada por um “grupo de mulheres socialistas” cujo lançamento foi noticiado no número 4. No número seguinte, há uma carta, assinada por Sara, de Buenos Aires, que diz ter recebido o boletim e que após ter lido deu a sua “sócia” que era vinculada à Unión Feminista Argentina. Ela pede também para enviar um boletim para Maria Elena do Movimiento de Liberación Femenina. Os dois grupos mencionados são importantes organizações feministas argentinas.

Foi no número 12 que se publicou, no corpo do boletim e não apenas nas cartas, o primeiro texto de autoria de um grupo feminista latino-americano. Trata-se do artigo “El movimiento de liberación de la mujer en México”, assinado pelo “grupo Z”. O contato com este e outros grupos se intensificou em 1975. No número 13/14, foi publicado um trecho do editorial do primeiro número da revista argentina *Persona*, organizada pelo Movimiento de Liberación Femenina da Argentina. No mesmo número, há também o artigo “Por qué el movimiento de liberación en México?”, assinado pelo Movimiento de la Liberación de la Mujer. Nos números seguintes, grupos de diferentes nacionalidades publicariam textos no boletim. Além dos já citados, participaram dessa atividade os seguintes grupos latino-americanos: “Unión Feminista Argentina”, da Argentina (n.

<sup>12</sup> “Editorial”. *Nosotras*, n.13-14, janeiro/fevereiro de 1975.

<sup>13</sup> “Editorial”. *Nosotras*, n. 16/17/18, abril/maio/junho de 1975.



15); “Grupo Feminista Mexicano”, do México (n. 16/17/18); “Movimiento hacia la nueva mujer”, da Venezuela (n. 16/17/18); e “Acción para la liberación de la mujer peruana”, do Peru (n. 21/22). Quanto ao Brasil, há um resumo do “Seminário Pesquisa sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira”, ocorrido entre 30 de junho e 6 de julho de 1975 (n. 19/20), além de um texto sobre o Centro da Mulher Brasileira (n. 19/20).

Além desses textos, o boletim recebeu diversas cartas. O boletim *Nosotras* publicou 49 cartas ao longo de sua existência, a primeira delas no boletim de n.3. Dezoito cartas foram enviadas por mulheres residentes no Brasil (todas assinadas individualmente e por mulheres que não mencionam vinculação com grupos feministas<sup>14</sup>). Quatro foram enviadas da Argentina (uma delas tinha como remetente a Unión Feminista Argentina). Além de cartas de países de outros países da América Latina, Europa, Estados Unidos e Canadá<sup>15</sup>.

O grupo participou de diversas atividades internacionais feministas: Primeira Conferência Feminista realizada em Boston em junho de 1973, Conferência Internacional de Estratégia Feminista (Frankfurt, novembro de 1974) e do Tribunal Internacional de Crimes cometidos contra as mulheres (Bélgica, março de 1976). O Grupo Latino-Americano parece ter participado ativamente da organização desta última atividade. Como membro do Comitê Organizador do evento aparece o nome de Mireya Gutierrez, que era militante do grupo, apresentada num texto sobre o tribunal como “uma mulher mexicana que vive em Paris”<sup>16</sup>. Em diversos números do boletim, há chamados para envio de denúncias de crimes cometidos contra as mulheres na América Latina. O grupo se compromete a ser uma forma de “ligação para a América Latina na constituição e transmissão dos dossiês enviados pelos grupos feministas de qualquer país do nosso continente sobre crimes cometidos contra as mulheres”<sup>17</sup>.

As últimas atividades do grupo datam do ano de 1976. Em março, participam do Tribunal acima mencionado e o último boletim data do primeiro trimestre de 1976. Danda Prado credita o fim do boletim aos seguintes fatos: 1- O ano internacional da Mulher teria acrescentado muitas viagens a sua agenda; 2- No ano de 1976, ela e Marisa Figueiredo realizaram uma pesquisa na

---

<sup>14</sup> Com exceção da carta de Neide Martins publicada no boletim n.16-17-18 que menciona que estava participando da formação de um grupo em São Paulo e que pretendiam realizar um Congresso neste estado.

<sup>15</sup> O grupo parece ter tido um contato estreito com as feministas portuguesas. Há cartas enviadas por mulheres dessa nacionalidade, como a feminista Maria Isabel Barreno (n.12) e de Maria Tereza Horta (n.13/14). No boletim n.13/14 a reação a um ato organizado pelo MLM (Movimento de Libertação da Mulher) foi o tema da matéria de capa.

<sup>16</sup> RUSSEL, Diana. Report on the International Tribunal on Crimes against Women” In: *Frontiers: A Journal of Women Studies*, Vol. 2, No. 1 (Spring, 1977).

<sup>17</sup> *Nosotras*, n.12, dezembro de 1974.



Colômbia; 3- A proibição do Front à participação de seus associados no *Nosotras*; 4- A migração de mulheres de origem hispânica para um outro grupo<sup>18</sup>. Segundo Danda:

“Depois da proibição do Front, o *Nosotras* continuou, mas com grande número de hispânicas. Depois sofremos outra divisão, porque o grupo de venezuelanas era grande (umas 10 mulheres) – e elas foram participar de outro grupo de origem boliviana, fundado pela Elisabeth Burgos, com tendência claramente partidária”<sup>19</sup>

Não conseguimos outras fontes que nos indicasse alguma proibição do Front. O que sabemos através de entrevistas é que havia divergências internas no grupo que levariam a uma cisão no grupo. De acordo com Mariza Figueiredo, “teve muita gente que passou” pelo grupo mas que não voltou.

Um fator importante para que muitas não retornassem às reuniões parece estar ligado ao modo como o feminismo era visto pela esquerda. Julgado segundo as dicotomias político/apolítico, unidade de classe/sexismo, entre outras, definido em termos tradicionais e frequentemente estereotipados, o feminismo não era benquisto pela esquerda brasileira. Não foi senão aos poucos que esta aceitou rediscutir sua visão sobre feminismo. O grupo surgiu justamente num momento em que a esquerda encontrava-se ainda bastante fechada para tal temática. Assim, não surpreende que por seu pioneirismo como grupo de mulheres brasileiras, tenha enfrentado resistência e hostilidade na comunidade exilada. Sobre uma certa polarização no grupo, Mariza Figueiredo comenta, referindo-se às brasileiras que vinham do Chile:

“elas vinham, mas elas questionavam o feminismo. Elas questionavam porque elas achavam que ser feminista era uma coisa de direita, não era de esquerda. Um monte de bobageira, mas, enfim, era umas idéias bem PCzão, umas idéias bem antiquadas para o meu gosto. Então havia muita discussão sobre isso mas que não levava a nada. Então elas vinham e saíam, porque elas queriam transformar aquilo numa extensão da coisa de esquerda.” (...) Aí vinham umas teorias chatérrimas de luta de classes, não sei o que...”<sup>20</sup>

Havia visões muito diferentes e, em alguns aspectos, conflitantes, sobre o que deveria ser o movimento de mulheres e quais suas prioridades; havia, em suma, um desencontro de objetivos. Por essas e outras divergências, muitas mulheres foram a algumas reuniões e não se interessaram ou abandonaram o grupo posteriormente para constituírem outras organizações de mulheres sob outros moldes. Naty Guadilla menciona esse fato:

“Este grupo estaba constituido al principio por mujeres brasileñas, exiladas y/o estudiantes, y por mujeres estudiantes de diferentes países latinoamericanos. Por razones ideológicas muchas mujeres brasileñas fueron saliendo del grupo y crearon el Círculo de Mujeres Brasileñas, más en relación directa con las organizaciones políticas de la izquierda brasileña en el exilio. El Grupo Latinoamericano quedó reestructurado con mujeres estudiantes, a las que se agregaron, después del golpe chileno en Sep. 73, nuevas exiladas latinoamericanas.”<sup>21</sup>

<sup>18</sup> CARDOSO, Elisabeth. *Imprensa feminista brasileira...* Op. cit., p.83.

<sup>19</sup> CARDOSO, Elisabeth. *Imprensa feminista brasileira ...* Op. cit., p. 83.

<sup>20</sup> Entrevista - Mariza Figueiredo

<sup>21</sup> GUADILLA, Naty. *Historiando*. Op. cit., p. 11.



Embora Naty Guadilla faça referência ao Círculo de Mulheres, trata-se, ao que tudo indica, segundo depoimentos e outras fontes, de um outro grupo, ligado à figura de Zuleika Alambert. Cecília Comegno recorda-se que o grupo foi se “dividindo, dividindo, mas criou alguma unidade entre um outro grupo de pessoas. Quando Zuleika Alambert voltou do Chile, ela começou a chamar uma série de pessoas”<sup>22</sup> Este grupo ficou conhecido também como Comitê. Para Ângela Xavier de Brito o Comitê “não tinha nada de grupo de consciência, nada de feminista”. Sobre a formação do Comitê, ela rememora:

“antes de existir o Círculo, quando acabou a experiência chilena, aqui em Paris, a Zuleika tomou contato com um bando de mulheres e organizou um grupo de discussão, aí era um grupo que tinha mais intelectuais, porque eu me lembro da Ia, a irmã do João Quartim, da Maryse, que era a mulher dele na época, da Albertina Costa, eu, Iracema acho que estava também, era um grupo de umas 10 pessoas, mas que eu me lembre esse grupo durou muito pouco”<sup>23</sup>

Divergências internas no seio deste grupo levariam a uma cisão que lançaria, em novembro de 1975 a brochura “Por uma tendência feminina e revolucionária” chamando a criação de “um movimento autônomo de mulheres com base na luta de classes”<sup>24</sup>. Deste chamado surgiria o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris.

O outro fator que Danda menciona seria a saída de algumas mulheres para participar de um grupo ligado a Elisabeth Burgos. Também não conseguimos identificar esse grupo. O que temos informação é que o Grupo Latino-Americano teria se dividido em janeiro de 1975 a partir de divergências também em relação à polêmica discussão chamada de “luta de classes x luta das mulheres”. Segundo Naty Guadilla uma das correntes enfatizaria mais o fator ‘classe’ como desestabilizador de uma unidade das mulheres e outra ressaltava a “sororidade” entre as mulheres e a união dos movimentos feministas do mundo. Esta última “corrente” continuaria elaborando o boletim *Nosotras*. A primeira se reuniria em torno de um grupo de estudos sobre a situação da mulher da América Latina. Uma parte desse grupo seria responsável por reunir informações sobre o tema e elaborar o livro *Mujeres des Latinoamericanas* publicado pela Editions des femmes no ano de 1977. Neste livro podemos encontrar uma descrição do grupo que o escreveu, identificado como Collectif de Femmes D’Amerique Latine et Caribe, que reivindica as reuniões a partir de 1972:

“Conscientes do perigo que havia em se transportar mecanicamente modelos estrangeiros, nós nos demos conta da necessidade de definir a especificidade e o significado de um movimento de mulheres no contexto latino-americano. A fim de tentar colocar o problema da mulher a partir das nossas realidades, nós nos reunimos regularmente a partir de 1972, em um grupo de mulheres latino-americanas em Paris. Atualmente, após

<sup>22</sup> Entrevista – Cecília Comegno

<sup>23</sup> Entrevista – Ângela Xavier de Brito.

<sup>24</sup> Documentos do Círculo de Mulheres- vol. I - “Por uma tendência feminina e revolucionária”, novembro de 1975.



mudanças e transformações, e enriquecidas com a presença das mulheres do Caribe, nos apresentamos, neste livro, nossa reflexão e diversos testemunhos e documentos sobre a condição da mulher do nosso continente”<sup>25</sup>

Em 1977 o jornal feminista francês *L'information des femmes* organiza um encontro de mulheres latino-americanas, o *Parole aux femmes des Amerique Latine* como parte das comemorações do 8 de março daquele ano. Este evento reuniu, segundo Araújo<sup>26</sup>, 500 mulheres latino-americanas e francesas<sup>27</sup>. O encontro contou com a participação de grupos de mulheres argentinas, colombianas, uruguaias, guatemaltecas e chilenas. O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris participou do encontro enquanto grupo. **Este se formou em 1976 e constituiu-se** numa das mais bem estruturadas organizações de brasileiros no exílio e no mais importante grupo feminista de exiladas desta nacionalidade, chegando a congregar em suas assembléias mais de oitenta mulheres.

Para participar do *Parole aux femmes des Amerique Latine*, o Círculo produziu o material “*Parole aux femmes du Brésil*” visando denunciar “a exploração específica da mulher no Brasil”. Este evento permitiu um estreitamento de laços com os grupos franceses e uma aproximação com mulheres latino-americanas:

“O encontro dos grupos de mulheres latino-americanas foi sem dúvida um momento muito rico em nossa luta. Serviu para nos aproximar ainda mais, mostrando uma vez mais que as fronteiras de nossos países não significam nada no que diz respeito à nossa opressão.”<sup>28</sup>

O evento foi considerado um “sucesso” pelas organizadoras. No jornal *L'informations des femmes* n.16, de abril de 1977 elas reproduzem trechos de uma carta enviada pelo “Comité de soutien aux luttes du peuple argentin” que diz “Il faut que tous les groupes de femmes françaises apportent leur soutien à la création de différents groupes de femmes latino-américaines. Il faut noter encore et surtout que cette journée fut l'occasion pour les femmes latino-américaines d'apporter au mouvement français la confrontation avec une réalité différente et la riche expérience de leurs luttes.” (*L'information des femmes* 16, abril 1977.)

Deste encontro surgiria a *Coordinación de Mujeres Latinoamericanas*, do qual o Círculo fez parte. No jornal *L'Information des femmes* há um texto assinado pelo grupo de mulheres latino-americanas que se formou no evento comentando a reunião:

<sup>25</sup> COLLECTIF DE FEMMES D'AMÉRIQUE LATINE ET DE LA CARAÏBE. *Mujeres des latino-Américaines*. Paris : Editions des femmes, 1977, p. 10.

<sup>26</sup> ARAÚJO, A. Hacia una identidad latinoamericana – Los movimientos de Mujeres en Europa y América Latina. *Nueva Sociedad*, n. 78, 1985, p. 92.

<sup>27</sup> Sobre este evento Ana Araújo comenta “Así, en el año 1976, a instancias del movimiento de mujeres “Lutte de classe” en Francia, se realizará un mítin en la Mutualité (centro de reuniones político y social en el Barrio Latino en París), que reunirá a más de 500 mujeres latinoamericanas y francesas. El mítin llevará por nombre “La Parole aux Femmes de l'Amérique Latine”, y será el comienzo del grupo de mujeres latinoamericanas en París, que existe hasta hoy.”. ARAÚJO, A. Hacia una identidad latinoamericana... Op. cit.

<sup>28</sup> Documentos do Círculo de Mulheres – vol.V - “Agora é que são elas. Jornal do Círculo de Mulheres Brasileiras”, 1979.



“A fluência foi importante e a sala B da Associação (onde acontecia o encontro) estava cheia de um público, fundamentalmente, de mulheres; algumas camaradas latino-americanas e francesas, conscientes da importância da reivindicação feminista, inseridas na dialética da luta de classes, estavam igualmente presentes. O encontro se iniciou com uma exposição comum na qual era claramente estabelecida a situação de opressão e de exploração que a mulher viveu na sociedade latino-americana, sociedades, por todas as partes, apoiadas e sustentadas pela repressão, regimes ditatoriais sem nenhum apoio social, países sem visibilidade no seio do sistema capitalista”<sup>29</sup>

Este grupo ganharia o nome de Grupo de Mujeres Latinoamericanas. Para Naty Guadilla, este grupo, num primeiro momento, se concentra em lutas de denúncia da situação de seus países de origem:

“Constituído em princípio por mulheres procedentes de novos exílios latino-americanos e por militantes em sua maioria, Mulheres latino-americanas nasce de um ato de vontade militante. Sem uma ‘consciência feminista’, este grupo se organizou ao redor e ‘quase exclusivamente’ das campanhas de solidariedade com os prisioneiros(as) político(as) latinoamericanos (as). Absorvidas por exigências imediatas de apresentação do grupo em debates, as mulheres deste grupo ‘tardaram’ falar de suas vivências, como diziam no boletim n.1”<sup>30</sup>

O Grupo de Mujeres Latinoamericanas publicaria, segundo o levantamento feito por Kandel<sup>31</sup>, o boletim *Mujeres Latino-americanas*, que teve 2 exemplares, o primeiro publicado no verão de 1978 e o segundo em fevereiro de 1979. Ainda segundo Kandel, este posteriormente ganharia o nome de *Herejias* e teria publicado o seu primeiro número em maio de 1979. Não tivemos acesso ao boletim *Mujeres Latino-americanas* e ao primeiro número do boletim *Herejias*<sup>32</sup>. Segundo Naty Guadilla, ao contrário do grupo que publicou o boletim *Nosotras*, o Grupo Latino-Americano que surge em 77, centrou-se na necessidade de analisar as mulheres latinoamericanas vivendo em Paris. O grupo que publicava o boletim *Nosotras* não abordava essa questão. Isso reflete, em grande parte, momentos distintos do exílio. Se, para as primeiras, o exílio parecia ser algo breve e os olhares, por isso, se voltavam para a terra de origem, o segundo grupo já lidava com a idéia de um exílio mais longo. Assim, a publicação *Herejias*, feita pelo segundo grupo, teria como objetivo principal ser um órgão de informação expressão do grupo, e não tinha como motivação chegar às mulheres da América Latina. Outro motivo que influenciou nessa mudança de perspectiva é que já existiam grupos feministas na América Latina em 1977 – diferentemente de 1974, momento do nascimento do *Nosotras*, quando os grupos feministas eram raros nessa parte do continente americano. Não sabemos se houve mulheres que participaram de ambos os grupos. Para

<sup>29</sup> *L'Information des femmes* 16, de abril de 1977.

<sup>30</sup> GUADILLA, Naty. Historiando. Op. cit., p. 14.

<sup>31</sup> KANDEL, Liliane. IN: Penelope Pour l'histoire des femmes. N.1, junho de 1979.

<sup>32</sup> Tivemos acesso a dois boletins *Herejias*, n.2 (que tem uma anotação manuscrita com a data março de 1979) e n.3, datado de março de 1980. Não sabemos se o grupo publicou outros exemplares.



Ana Araújo, que afirma que o grupo teria sido fundado em 1976, este teria “como antecedente uma revista, *Nosotras*, que existiu no começo dos anos 1970”<sup>33</sup>

O grupo realizou atividades com o Círculo. Participam do *Rencontre Internationale de femmes* em maio de 1977. Encontramos nos documentos do Círculo três panfletos frutos dessa parceria: “*Les femmes latinoamericaines dans la rue*”; “*Proposición del grupo latinoamericano de mujeres: Tribunal internacional*” (1978) e “*Femmes latinoamericaines ici. Elles, nous aussi.*” (1º de maio de 1978).

O grupo parece ter participado também do centro de ortogenia organizado pelo Círculo. Sobre essa atividade, o Grupo Latino-Americano comenta no boletim *Herejias*:

“Después de múltiples ensayos y discusiones, el grupo de Ortogenia (información sobre aborto, contracepción y sexualidad) ha comenzado a funcionar los miércoles a las 8 P.M. en el local del *Planning*, 94 Bd. Massena, Paris 13, M.e. Porte de Choisy. Estamos con el Círculo de Mujeres Brasileñas, con las que queremos organizar una permanencia los Sábados en la tarde”<sup>34</sup>

O “centro de orthogenia” pretendia, segundo o panfleto que divulgava essa atividade:

“responder ao desejo de ter um local de encontro, de informação, de coordenação e iniciativas de luta: encontro de mulheres, lugar de informação para as mulheres que não são vinculadas a nenhum grupo através da criação de “permanências”, documentos sobre contracepção, aborto, auto-exame”<sup>35</sup>

O Encontro de Mulheres Latino-americanas na Europa realizado em 1979, ao qual o boletim *Herejias* faz referência, foi um dos três encontros do mesmo tipo sobre o qual encontramos referências<sup>36</sup>. O primeiro sobre o qual temos notícias foi realizado em Bruxelas em outubro de 1978. O segundo em Paris, entre os dias 10 e 11 de fevereiro de 1979 – do qual participou o Círculo de Mulheres e o Grupo de Mujeres Latinoamericanas (França). Este último comenta em seu boletim sobre o encontro:

“En la campaña internacional por el aborto y la contracepción libre, organizamos en París un Encuentro de Mujeres Latinoamericanas en Enropa, los días 10 y 11 de febrero. El encuentro contó con la presencia de compañeras latinoamericanas de Francia, Inglaterra, Bélgica y Suiza. (...)”<sup>37</sup>

No jornal do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, comenta-se sobre a importância do encontro:

“O Encontro dos Grupos de Mulheres Latino-americanas foi sem dúvida um momento muito rico em nossa luta. Serviu para nos aproximar ainda mais, mostrando mais uma vez que as fronteiras de nossos países não significam nada no que diz respeito a nossa opressão.”<sup>38</sup>

<sup>33</sup> ARAÚJO, A. *Hacia una identidad latinoamericana...* Op. Cit.

<sup>34</sup> *Herejias* n.2, março de 1979, p.5.

<sup>35</sup> Documentos do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris.

<sup>36</sup> Araújo menciona a realização de três congressos de mulheres latino-americanas na Europa. Guadilla, num texto de 1980 faz referência aos dois primeiros.

<sup>37</sup> *Hejerias* n.2. Op. Cit.

<sup>38</sup> Documentos do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. Vol. V - *Agora é que são elas* n.1 – jornal do Círculo de Mulheres Brasileiras.



Um terceiro encontro foi realizado entre os dias 27 de fevereiro e 1 de março de 1981 em Paris<sup>39</sup>. Segundo o boletim ISIS este foi organizado pelo “Grupo de Mujeres Latinoamericanas de París” e teve como temas principais: análise da situação que enfrentam as latino-americanas que vivem na Europa, sexualidade feminina, mulher e política e trabalho<sup>40</sup>. Participaram aproximadamente 100 mulheres. Para se ter idéia da diversidade de grupos que se formaram nesse contexto, citaremos aqui alguns dos participantes deste último encontro: Associação Latinoamericana de Mujeres ALAM (Suécia), Asociación de Mujeres Danesas Latinoamericanas (Dinamarca), Grupo de Mulheres Brasileiras em Londres, Grupo de Mujeres Latinoamericanas em Barcelona, Grupo de Mulheres Latinoamericanas de Berlin Ocidental, Grupo de Mujeres Latinoamericanas de Grenoble (França), dentre outros.<sup>41</sup> Abaixo cito algumas das questões que nortearam o debate, segundo o boletim ISIS dedicado ao tema:

“¿Qué saben las mujeres latinoamericanas de SUS compañeras que viven en Europa? ¿ Cuántas son? ¿ Como viven? ¿ Qué hacen, sienten y piensan? ¿ Há cambiado su percepción de los problemas latinoamericanos en contacto con otras culturas? ¿En qué consiste la identidad latinoamericana, puesta a prueba cuando se vive en una sociedad diversa? Mantienen relaciones e intercambio con los grupos femeninos que actúan en América Latina? ¿ Participan de la lucha feminista europea? ¿ Desean volver a sus países de origen? ¿ Qué aporte pueden hacer a las luchas por la liberación de las mujeres que viven en América Latina? ”<sup>42</sup>

A única referência que encontramos foi do Grupo de latino-americanas de Sausanne intitulado “Campagne Internationale pour le droit a l’avortement. Novamente neste texto, a especificidade latino-americana é enfatizada, como se vê no primeiro parágrafo do texto:

“C’est évident que si l’oppression spécifique des femmes em Amérique latine est, dans son essence, analogue à celle que subissent les femmes européennes, elle est cependant fortement aggravée par plusieurs facteurs propres au continent latino-américain, et notamment par le poids de l’église catholique comme instrument de colonisation, par l’idéologie machiste (oppression de la femme par l’homme), par l’existence quasi générale de régimes dictatoriaux et par la dépendance économique du continent.”<sup>43</sup>

Fora da França, outros grupos latino-americanos também se formaram mas o único sobre o qual temos maiores informações é o Grupo de Mulheres Latino-Americanas em Barcelona que editou a publicação *Latinoamerica Mujer*. No acervo do CIM há um exemplar (n.2) disponível. Sabemos através do boletim *Herejias*, publicado pelo Grupo de Mujeres Latinoamericanas (França), que este grupo e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris mantiveram contato com este grupo de Barcelona. No boletim *Herejias* consta o seguinte relato:

“participamos con el Círculo de mujeres Brasileñas, en la reunión de Coordinación de Barcelona el 17 de febrero, donde establecimos contacto con la Coordinadora Feminista de Barcelona y con el Grupo de Mujeres

<sup>39</sup> ISIS, Boletín internacional n.5 “Mujeres latinoamericanas en Europa”, abril de 1981.

<sup>40</sup> ISIS, Boletín internacional n.5 Idem.

<sup>41</sup> Consta a existência de diversos outros grupo entre os participantes do evento. Ver Isis n.5, abril de 1981.

<sup>42</sup> Isis, Op. Cit.

<sup>43</sup> L’information des femmes



Latinoamericanas en dicha ciudad. Presentamos un dossier sobre El problema del Aborto y la Contracepción en los diferentes países de América Latina y un manifiesto de las Mujeres Latinoamericanas contra la Declaraciones del Papa en Puebla, ambos resultado del Encuentro de Mujeres Latinoamericanas en Europa.”

Na publicação *Latinoamerica Mujer* n.2 é publicado o “Manifiesto de los grupos de mujeres latinoamericanas contra las declaraciones del Papa en Puebla”.

Por fim, é interessante ressaltar que surgem nesse contexto também diversos grupos que não necessariamente se reivindicavam feminista ligados aos partidos comunistas que agremiaram mulheres brasileiras. Sabemos da existência de diversos grupos deste tipo que se formaram na Europa. Documentos internos do Partido Comunista Brasileiro (elaborados no exílio francês) relatam o surgimento de diversos organismos no exílio europeu dedicados à “questão da mulher” e que mantinham estreita relação com o partido a partir de 1973, entre eles: Grupo de Mulheres na Bélgica, Associação de Mulheres Democráticas de Lund (Suécia), Associação de Mulheres Brasileiras e Italianas (Milão), Grupo de Estudos (França)<sup>44</sup>. O grupo que se estruturou na França parece ter sido o de maior atividade. Mas foge ao escopo deste trabalho analisar tais grupos.

---

<sup>44</sup> Sobre a formação desses grupos, cito um trecho de um documento do PCB de 1979 “ao chegarem a esses países, recorrendo à experiência conseguida através do Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior começaram a criar entidades femininas brasileiras já agora com a participação também de mulheres residentes na Europa, algumas latino-americanas exiladas e mais tarde até com a participação de mulheres dos países em que tais organizações foram criadas. Assim surgiram: Grupo de Mulheres em Paris, Portugal, Berlim Ocidental, Bélgica, Associação de Mulheres Democráticas de Lund e mais recentemente, a Associação de Mulheres Brasileiras e Italianas em Milão na Itália. (PCB – “Recuperação do trabalho do Partido entre as mulheres depois do golpe de 1964” – maio de 1979. CEDEM)